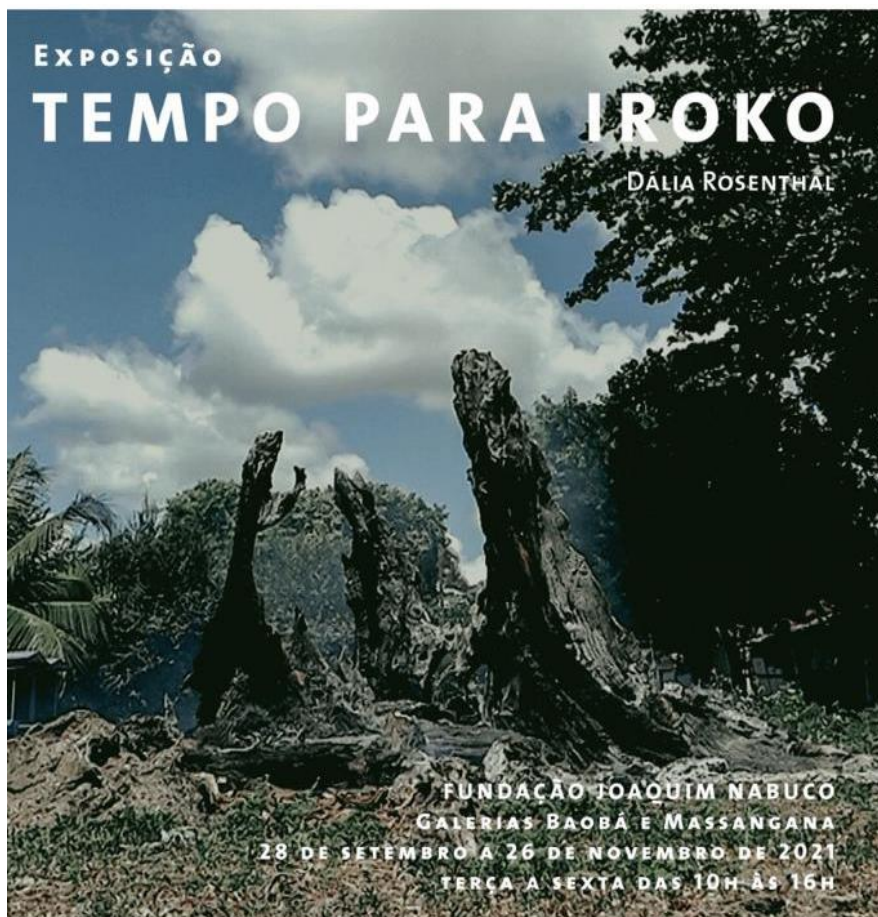


TEMPO PARA IROKO

DÁLIA ROSENTHAL.

Entrevista por Leila Kiyomura¹.



REALIZAÇÃO



Fundação
Joaquim Nabuco

MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL

APOIO

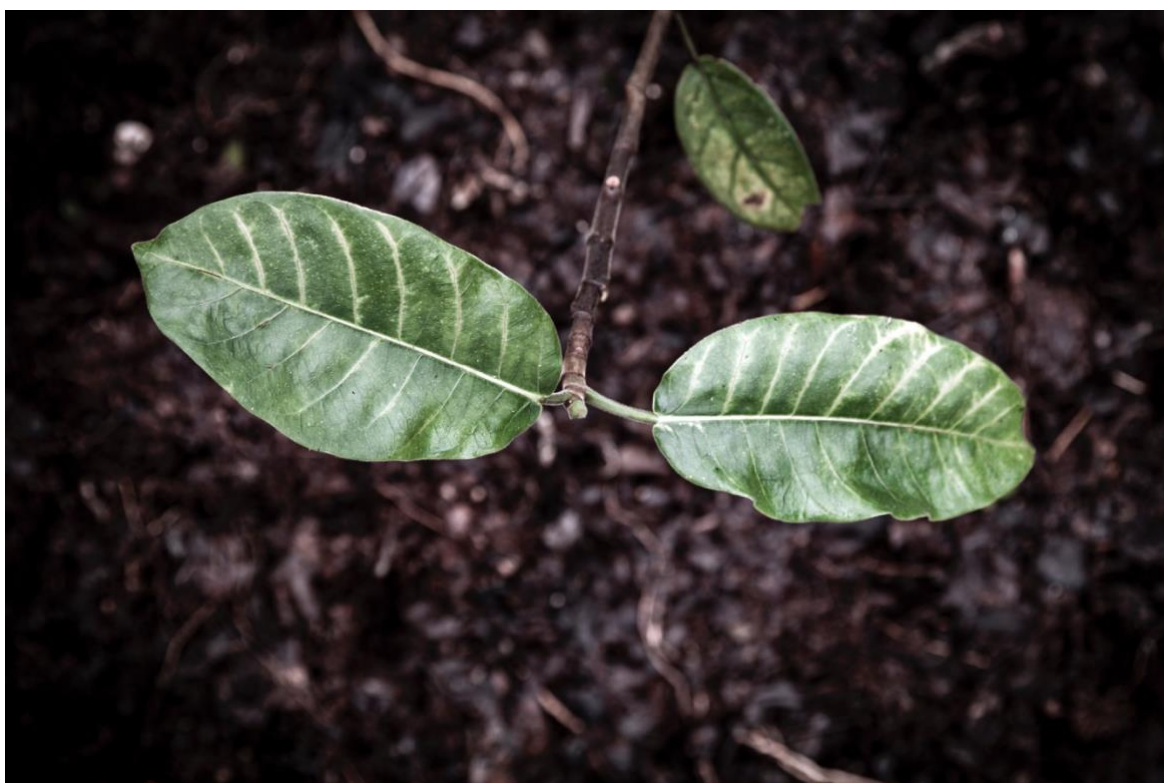


¹ Entrevista por Leila Kiyomura para produção da matéria "Exposição preserva a memória e a natureza do orixá Iroko" publicada no Jornal da USP em 8/10/21.



Como nasceu o projeto Tempo para Iroko? Como foi desenvolvido:

Como artista e pesquisadora tenho investigado diferentes relações entre memória e território na América Latina e cruzamentos entre "cultural e natural". Neste contexto nasceu TEMPO PARA IROKO em janeiro 2019. Eu estava no Recife para o desenvolvimento de outro projeto que investigava a planta Jurema quando aconteceu a queda do Iroko do Sítio de Pai Adão, no Recife. Como coloquei no projeto inicial: "No dia 9 de janeiro de 2019, aconteceu a queda da árvore de IROKO localizada no terreiro ILÊ



OBÁ OGUNTÉ ou Sítio de Pai Adão, o mais antigo espaço destinado ao Candomblé do estado de Pernambuco e tombado pelo IPHAN em 2018 como patrimônio cultural do Brasil. O IROKO - ou Gameleira - do terreiro ILÊ OBÁ OGUNTÉ é cercado memória, oralidades e processos de resistência comunitária aos inúmeros momentos políticos de perseguição religiosa aos povos de terreiro . (...) A árvore IROKO traz uma forte simbologia espiritual, temporal e identitária para a comunidade do terreiro de ILÊ OBÁ OGUNTÉ bem como para muitas outras comunidades de matriz africana e que estão presentes neste território. A possibilidade de que sua queda seja consequência de



um atentado sofrido em 2018 revela questões importantes de nossa memória colonial e sistemas de perseguição e coerção religiosa e cultural"

A queda do Iroko se deu devido a um primeiro atentado sofrido pela árvore quando colocaram fogo em sua base. Três meses depois a árvore caiu. No dia seguinte a sua queda estive no Sítio de Pai Adão e me impactei profundamente por este ocorrido o que deu origem ao projeto com o desejo de contar esta história partir da voz dos mais antigos da comunidade e da investigação de documentos no Arquivo Histórico de Pernambuco.

Nasceu ali também uma das partes mais importantes deste projeto: o cultivo e o cuidado de novas sementes por vários núcleos da sociedade durante os meses seguintes para a criação de um plantio comunitário final. Segue mais um trecho do projeto encaminhado a Fundação Joaquim Nabuco: "*O objetivo central do projeto TEMPO PARA IROKO enviado para o edital da Fundação Joaquim Nabuco de 2019, é desenvolver uma investigação*

EXPOSIÇÃO

TEMPO PARA IROKO

DÁLIA ROSENTHAL

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS
JACI FELIPE DA COSTA
MANOEL DO NASCIMENTO SANTOS
VALFRIDO JOSÉ DA SILVA (IN MEMORIAN)

EM COLABORAÇÃO
MARIA ANTÔNIA DOS SANTOS, LUIZ AMADEU PETRONI JUNIOR, TIAGO KFUZO NAGÔ E ITAIGUARA FELIPE DA COSTA

SÍTIO DE PAI ADÃO
TERREIRO DE ILÊ OBA UGUNTE

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE PERNAMBUCO:
EVALDO COSTA, HILDO LEAL DA ROSA, FREDERICO CARVALHO E EMERSON LUCENA

COMUNIDADE QUILOMBOLA POÇO DANTAS:
MARIA ANTÔNIA DOS SANTOS (PIABINHA)

CASA ILÊÓCA DE TRADIÇÕES AFRO INDÍGENAS:
TIAGO KFUZO NAGÔ

GRE – VALE DO CAPIBARIBE
JOÃO BAMILEKE MONTEIRO

DPCC - DIRETORIA DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL
RAFAEL ACYOLI, FERNANDO ANTÔNIO DUARTE E CECÍLIA VARGAS

ESCOLINHA DE ARTE DO RECIFE:
EVERSON MELQUIADES ARAÚJO SILVA, WILLIAM SILVA DE ARAÚJO, MAISA CRISTINA DA SILVA, ZENAIDE RAMOS DO CARMO E AUVANEIDE FERREIRA DE CARVALHO

MARACATU NAÇÃO RAÍZES DE PAI ADÃO:
ITAIGUARA FELIPE DA COSTA, TAICHICHUAN FELIPE DA COSTA E PAULO CÉZAR FELIPE BEZERRA

VIVEIRO DO JARDIM BOTÂNICO DO RECIFE:
BRUNO VIANA, MATEUS DELMIRO DE FREITAS SILVA, EFRAIM RUBENS MARINHO, TAMIREZ DE SOUZA TEIXEIRA PINTO, MARIA FERNANDA BELÉM DA SILVA E OMAR RAMOS DE SENA

SÍTIO SETE ESTRELAS:
LUIZ AMADEU PETRONI JUNIOR, CRISTINA PETRONI, EDILZA LIMA, EDILSON JOSÉ PEREIRA E ADILSON SEVERINO DE OLIVEIRA

REALIZAÇÃO
Fundação Joaquim Nabuco
GOVERNADORIA DE PERNAMBUCO
PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO DO BRASIL
ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE PERNAMBUCO

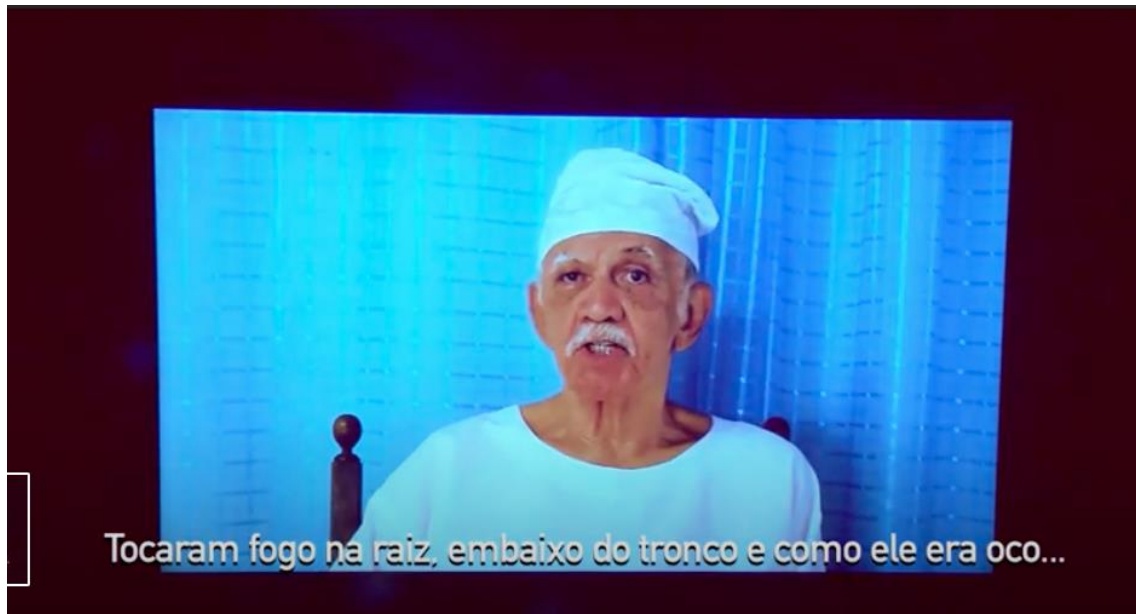
tendo a árvore IROKO como eixo central para a criação de um conjunto áudio visual formado por fotografias, entrevistas e documentos históricos bem como a construção coletiva de um sementeiro/viveiro/plantio comunitário da espécie IROKO, ou Gameleira Branca. Este último elemento do trabalho é visto como o núcleo central de todo o projeto,



que potencializa e movimenta os demais. O conjunto final de materiais artístico/documentais construídos durante a residência serão organizados em um mesmo espaço expositivo e intencionam tecer uma memória coletiva e psicológica tendo a árvore de IROKO como elemento simbólico por meio do qual os demais elementos narrativos

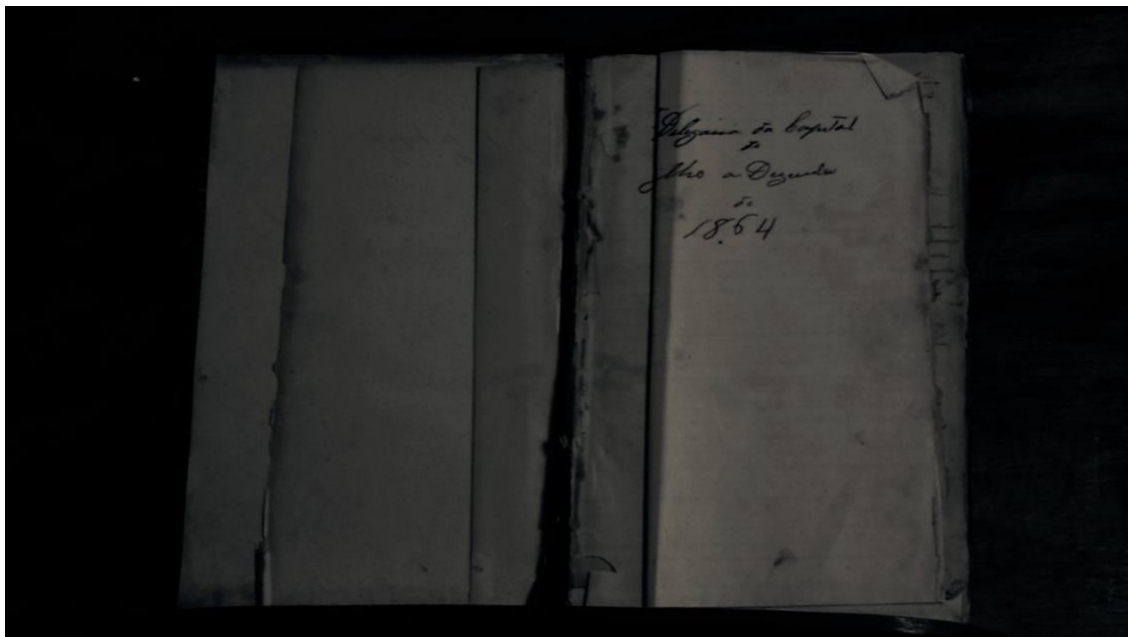
sejam apresentados nas suas complexidades de interpretação territorial".

Como está sendo apresentado?



O projeto está sendo apresentado nas Galerias Massangana e Baobá da Fundação Joaquim Nabuco, no Recife. Nas três salas que compo e as galerias estão diferentes materiais expositivos como entrevistas, vídeos documentais, uma vídeo instalação composta pelos panos que abrigaram as árvores durante o processo de cultivo e a leitura de documentos do Arquivo Público de Pernambuco. Há também uma pequena semente de Iroko e impressões criadas por meio da passagem das raízes. O conjunto de materiais foi criado com a colaboração de muitos parceiros, muitas pessoas que se





vincularam ao projeto ao longo destes dois anos e neste sentido criamos também um pequeno documentário que conta a história das árvores que cultivamos, das sementes até os plantios finais.

Professora, na sua avaliação, o projeto Tempo para Iroko leva quais mensagens para a população? Você pode descrever a história e tradição do orixã Iroko?

Eu vejo o projeto TEMPO PARA IROKO como uma grande árvore. Penso que as mensagens serão construídas por cada pessoa que se sentar a sua sombra, que observar suas folhas, sua copa e que se conectar com o tempo de uma árvore que pode viver centenas de anos. De certa forma a exposição apresenta marcas de um percurso, como estações diferentes que nos levam a perguntas diferentes. Iroko é uma árvore, um Orixá, um espírito, um povo, uma memória mas é também a história de toda a humanidade. A perseguição religiosa aos povos de terreiro e o assassinato de uma árvore sagrada são ações criminosas e que devem ser combatidas por todos e todas. É uma tarefa nossa como sociedade defender o direito a vida, a liberdade religiosa e combater esta violência.

Exposição "Tempo para Iroko" de Dália Rosenthal



Acredito que este trabalho possa criar espaços para uma reflexão coletiva sobre este compromisso nosso como cidadãos e como sociedade. Gostaria muito por exemplo que o material pudesse ser compartilhado com professores de arte para criem debates nas escolas sobre o tema. Que a voz de Manoel Papai, tio Walfrido e Pai Cecinho possa ser escutada nas escolas por alunos e professores.

O incêndio e a violência contra a árvore e o terreiro podem ser considerados sinônimos da falta de respeito à cultura e também da violência racista?



Sim. Por isso fui investigar os documentos do Arquivo Público de Pernambuco. Estudei vários textos que foram selecionados com a parceria técnica de Hildo Leal Rosa. São manuscritos da secretaria de Segurança Pública do Estado datados do final do Sec XIX e que descrevem a violência da escravidão no cotidiano da colônia. Tiago Kfuzo Nagô, babalorixá da Casa IlêOca de Tradições Afro Indígenas fez a leitura destes documentos trazendo à público estas narrativas que embora contextualizados como passado seguem presentes como no violento atentado ao Iroko do Sítio de Pai Adão.

É possível nos descrever o cotidiano de sua pesquisa?

Sim. É um cotidiano muito intenso pois faz parte do trabalho mediar muitas redes simultaneamente. Esta não é apenas uma questão metodológica do trabalho mas sim parte de seu conceito. Que as transformações ou re significações históricas necessitam de



muitas pessoas trabalhando juntas, integrando diferentes pontos de vista, olhares, saberes e que as diferenças estão para nos fortalecerem e que podemos seguir caminhando com nossas diferenças mas em direção a um objetivo comum. Como coloquei, este trabalho foi criado com a parceria de muitas pessoas, comunidades e instituições como Terreiro de Ilê Obá Ogunté, Sítio de Pai Adão, Comunidade Quilombola Poço Dantas, Sítio Sete Estrelas, Escolinha de Arte do Recife, Maracatú Raizes de Pai Adão, Arquivo Público do Estado de Pernambuco, Casa IlêOca de Tradições Afro Indígenas, Viveiro do Jardim Botânico e Prefeitura do Recife entre muitos outros. Cada núcleo que se vincula ao projeto é fruto de uma mediação única. Além da ativação e mediação das redes está também o estudo de documentos, a realização das entrevistas com os mais antigos do terreiro de Olá Ogunté: Walfrido José da Silva (que faleceu em 2020 aos 105 anos durante o processo) e os babalorixás Jaci Felipe da Costa (Pai Cecinho) e Manoel do Nascimento Costa, este último atual guardião da casa e também conhecido como Manoel Papai. Há uma linda e emocionante entrevista que foi realizada com ele onde compartilha sobre o significado do Iroko, a história da família e a dor de ver seus ancestrais queimados junto com a grande árvore "morada dos ancestrais", nas palavras do senhor Manoel. Há também os deslocamentos pelo território, das 10 árvores que germinaram durante o processo, 1 foi plantada em Igarassú (Sítio Sete Estrelas), 8 seguiram para Inajá, no sertão (Comunidade Quilombola Poço Dantas), e a última será plantada em dezembro, no Cabo de Santo Agostinho (Engenho Massangana).

Pode nos contar detalhes sobre a iniciativa das mudas de gameleira branca?

Fui informada que recebi o prêmio V EDITAL DE RESIDÊNCIAS ARTÍSTICAS DA FUNDAJ por volta de setembro e em dezembro de 2019 fui ao Recife realizar uma investigação de campo para iniciar o processo de criação do trabalho. Foi uma "pré residência" pois sei que há uma complexidade na elaboração e criação de redes dos meus trabalhos, como comentei. Quando cheguei haviam acabado de colocar fogo novamente no tronco do

Iroko. Queimaram durante a madrugada a pequena parte que havia resistido à queda. Fui direto para o Sítio e esta imagem muito forte e triste está na exposição como uma primeira ação de denúncia. Havia uma grande movimentação no terreiro com muitas pessoas se encontrando e discutindo sobre o atentado. Ali o projeto começou a criar suas primeiras parcerias e fizemos uma primeira reunião na Fundação Joaquim Nabuco. A partir deste encontro, as sementes foram enviadas por mim para a Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural no início de 2020 e de lá seguiram para o Viveiro do Jardim Botânico onde germinaram e cresceram durante o isolamento social. Quando estavam já com certo tamanho e precisaram sair seguiram para o Sítio Sete Estrelas que cuidou delas até meu retorno em agosto deste ano. A partir daí iniciamos as redes de plantio. As oito árvores que seguiram para a Comunidade Quilombola Poço Dantas foram plantadas em círculo criando o "Círculo dos Irokos" onde cada árvore recebeu o nome de um ancestral daquela comunidade. Foi um lindo trabalho em parceria com Maria Antônia Dos Santos, a Piabinha, liderança de Poço Dantas e com todos e todas da comunidade.



CRÉDITOS DAS IMAGENS:

IMAGEM 1 - Imagem de divulgação da exposição TEMPO PARA IROKO,, 2021/FUNDAJ:
Still do vídeo “Queima”, TEMPO PARA IROKO , 2021 (Imagem de Dália Rosenthal).

IMAGEM 2 - Muda de Gameleira Branca, o Iroko, germinadas durante o projeto TEMPO
PARA IROKO, 2021 (Imagem de Dália Rosenthal).

IMAGEM 3 – Still de vídeo de ação realizada para criação de instalação criada para espaço expositivo na Galeria Massangana, Fundação Joaquim Nabuco, Núcleo Casa Forte (Imagem de Júlio Ribeiro).

IMAGEM 4 – Still de vídeo “QUEDA”, TEMPO PARA IROKO, 2021 (Imagem de Dália Rosenthal).

IMAGEM 5 – Jaci Felipe da Costa. (Imagem Dália Rosenthal).

IMAGEM 6 – Valfrido José da Silva (Imagem Dália Rosenthal).

IMAGEM 7 - PARCEIROS E COLABORADORES DO PROJETO TEMPO PARA IROKO, 2021.

IMAGEM 8 – Mudas de Gamelira Branca, o Iroko, na Escolinha de Arte do Recife , parceira do projeto TEMPO PARA IROKO, 2021 (Imagem de Sandro Soares).

IMAGEM 9 – Still se vídeo com entrevista com Manoel do Nascimento Costa, Babalorixá do Terreiro de Ilê Obá Ogunté. TEMPO PARA IROKO, 2021 (Imagem de Dália Rosenthal).

IMAGEM 10 – Still do vídeo “Delegacia de Polícia da Capital”. Leitura de documentos a Secretaria de Segurança Publica do Recife (SEC IX). Interpretação de Tiago Kfuzo Nagô (Imagem Dália Rosenthal).

IMAGEM 11 – Galeria Massangana : Instalação composta pelos panos que acolheram as árvores durante deu processo de crescimento e antes dos plantios e vídeo Delegacia de Plíícia da Capital. TEMPO PARA IROKO, 2021. Imagem com still de vídeo entrevista para lançamento da exposição TEMPO PARA IROKO, 2021.

IMAGEM 12 – Galeria Baobá – Instalação composta por semente de Gameleira Branca, impressão de raízes de sobre algodão e vídeos com entrevistas - Manoel do Nascimento Costa, Jaci Felipe da Costa e Valfrido José da Silva - e registro de atentado ao Iroko do Terreiro de Ilê Obá Ogunté em janeiro de 2019, Imagem com still de vídeo entrevista para lançamento da exposição TEMPO PARA IROKO, 2021.

IMAGEM 13 - - Alguns dos principais parceiros do projeto TEMPO PARA IROKO, 2021. Da esquerda pela direita em baixo: Dália Rosenthal (USP), Maria Antônia dos Santos (Comunidade Quilombola Poço Dantas), William Silva de Araújo (Escolinha de Arte do Recife). Em cima: Itaiguara Felipe da Costa (Maracatú Raízes de Pai Adão), Tiago Kfuzo Nagô (Casa IlêOca de Tradições Afro Indígenas), Sandro Soares (Fotografias Poço Dantas) e Everson Melquiades Araújo Silva (Escolinha de Arte do Recife). Fotografia de Guto Moraes (Imagem de Guto Moraes).

IMAGEM 15 – Maria Antônia dos Santos, a “Piabinha”. Liderança da Comunidade Quilombola Poço dantas na cidade de Inajá. Still do vídeo “POÇO DANTAS: CÍRCULO DOS IROKOS”: plantio da ação coletiva para criação do “Circulo dos Irokos” junto com Comunidade Quilombola Poço Dantas em Inajá (PE) (imagem de Sandro Soares).

IMAGEM 14 - Still do vídeo “POÇO DANTAS: CÍRCULO DOS IROKOS”: plantio da ação coletiva para criação do “Circulo dos Irokos” junto com Comunidade Quilombola Poço Dantas em Inajá (PE) (imagem de Sandro Soares).

TEMPO PARA IROKO por Moacir dos Anjos. Curador da exposição TEMPO PARA IROKO, 2021.

TEMPO PARA IROKO

Iroko é um dos Orixás mais antigos nas tradições religiosas de matriz africana, sendo cultuado no candomblé do Brasil pela nação Ketu. É ele quem rege o tempo, representando a ancestralidade dos que vivem no presente sob o signo dos que vieram antes. No início do mundo, ensinam os religiosos, Iroko habitava a primeira árvore plantada na terra, tendo sido através dela que os outros Orixás teriam descido do céu. Uma árvore por isso sagrada e que, no Brasil, afirma-se ser a gameleira branca, razão pela qual é costumeiramente cultivada em terreiros de candomblé. Árvore alta e frondosa que é a casa de Iroko e com este Orixá se confunde, guiando os acontecimentos e oferecendo proteção.

A exposição de Dália Rosenthal é resultado de projeto de pesquisa que tem início com o incêndio criminoso da gameleira branca que ocupava o Terreiro Ilê Obá Ogunté, conhecido como Sítio de Pai Adão, no Recife, em novembro de 2018. Ataque violento ao Orixá que ali vive e à comunidade que Iroko acolhe e cuida. Incêndio que provocou a queda da árvore dois meses depois e que faz parte de uma persistente agressão, através de leis persecutórias ou de atos ilícitos, a símbolos e práticas religiosos associados à população negra do Brasil. Passado um ano do ataque, o que restou do tronco do Iroko queimado foi novamente incendiado, impedindo sua possível recuperação.

A exposição – distribuída nas galerias Massangana e Baobá –, oferece indícios visuais desse fato e atesta, através das imagens e das vozes de líderes espirituais do Terreiro Ilê Obá Ogunté, a importância desse espaço de culto a que tantos pertencem para a cultura do Brasil. Confirma, por tais meios, a incomensurável violência que é queimar a árvore com que Iroko se mistura em entidade única. O projeto da artista não se resume, todavia, à denúncia de um dano material e de uma ofensa à religião de tantos. Construindo rede de pessoas e instituições diversas de Pernambuco – de babalorixás a agrônomos, do Terreiro ao Jardim Botânico – Dália Rosenthal cuidou para que mudas de gameleira branca fossem criadas e plantadas em lugares onde Iroko as possa habitar. Vestígios materiais desse processo são também incluídos na exposição, sem que com isso pretenda lhes dar permanência. Tudo, afinal, existe na passagem do tempo.

Valendo-se de práticas disciplinares e estratégias criativas diversas, a artista faz da arte uma encruzilhada onde temporalidades distantes se aproximam e se atravessam. Faz do espaço expositivo um lugar onde passado e presente se tocam para resistir à manifestação atual da violência racista fundadora do Brasil. Oferece, a Iroko, o tempo longo de vida das nascentes gameleiras brancas.

Moacir dos Anjos